

APRESENTAÇÃO

Sociologia & Antropologia apresenta o segundo número de seu oitavo volume. Em “The journal *Cadernos Brasileiros* and the Congress for Cultural Freedom, 1959-1970”, Marcelo Ridenti analisa proximidades e distanciamentos entre a revista *Cadernos Brasileiros* e o Congresso pela Liberdade da Cultura, ao longo do período de 1959 a 1970. Ridenti destaca e explora especialmente a clivagem representada pelo golpe civil-militar de 1964 em meio aos intelectuais que integravam aquelas entidades culturais.

Culturas urbanas e cenas musicais contemporâneas portuguesas são o tema do artigo de Paula Guerra, “Uma cidade entre sonhos de néon. Encontros, transações e fruições com as culturas musicais urbanas contemporâneas”. O estudo constata a emergência de uma juventude portuguesa marcada por consumo e práticas artísticas caracterizadas por hibridismo e ecletismo, além de detentora de capital cultural cosmopolita.

Em “When religion is culture: observations about state policies aimed at Afro-Brazilian religions and other Afro-heritage”, Emerson Giumbelli discute iniciativas estatais e mobilizações sociais voltadas para diversas expressões dos legados da África no Brasil, especialmente em seus vetores religiosos. O autor argumenta que a noção de cultura em um sentido étnico é o elemento articulador desse universo.

Graziella Moraes Silva e Emiko Saldívar retomam a tradição dos estudos comparados sobre as ideologias da mistura racial latino-americana, vistas como mitos que escondem a reprodução das desigualdades raciais. As autoras estão particularmente interessadas em discutir formas diversas pelas quais a mistura racial afeta atualmente as formações raciais na América Latina. Assim, em “Comparing ideologies of racial mixing in Latin America: Brazil and Mexico”, a abordagem empírica permite mostrar, entre outros aspectos, que, se as ideias de mistura racial permanecem centrais no Brasil e no México, as políticas raciais são significativamente diferentes nesses países.

“Alegorias e deslocamentos do ‘subúrbio carioca’ nos estudos das ciências sociais (1970-2010)”, de Roberta Sampaio Guimarães e Frank Andrew Davies, propõe uma discussão sobre os usos e deslocamentos da noção de subúrbio carioca nos estudos das ciências sociais, com foco na produção etnográfica, vistos como narrativas que buscam desestabilizar as fronteiras físicas e simbólicas da cidade.

Eduardo Dimitrov discute, por sua vez, como a circulação de intelectuais e artistas pelo território nacional não se dá livre de disputas políticas e simbólicas. Em “Lula Cardoso Ayres: modernista em Pernambuco, folclórico em São Paulo”, estuda a trajetória do pintor modernista pernambucano mostrando como sua carreira é marcada por embates entre suas pretensões de reconhecimento nacional e a resistência, especialmente por seus pares em São Paulo e no Rio de Janeiro, que, com frequência, o classificavam como “regional” ou “folclórico”.

Já as trajetórias de homens e mulheres migrantes nordestinos para São Paulo nas décadas de 1960 e 1970 são analisadas por Mariana Z. Thibes, Marilda Aparecida Menezes e Jaime Santos Júnior em “Narrativas assimétricas: gênero, família e trabalho no ABC paulista”. Os resultados da pesquisa mostram diferença significativa na forma de contar suas histórias de vida, que os homens narram a partir de suas experiências no mundo do trabalho e as mulheres a partir dos eventos relativos à esfera privada.

Erik Petschelies explora as expedições do psiquiatra alemão Karl von den Steinen ao rio Xingu, em 1884, consideradas marco do início da etnografia sistemática no Brasil. Qualificando o contexto particular dessa expedição, marcado, por um lado, por uma então incipiente antropologia alemã e, por outro, pelas políticas indigenistas do Estado imperial brasileiro, “Karl Von Den Steinen’s ethnography in the context of the Brazilian Empire” contribui para uma análise histórica exemplar das condições políticas da etnografia.

Em “De documentos etnográficos a documentos históricos: a segunda vida dos registros sobre os Xetá (Paraná, Brasil)”, Edilene Coffaci de Lima trata dos usos contemporâneos dos documentos produzidos na metade do século passado por José Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák sobre os Xetá, grupo indígena de língua tupi-guarani então recém-contatado. Mostra a autora como cadernetas de campo, artigos, filmes e correspondências legados pelos pesquisadores da Universidade Federal do Paraná vêm servindo para fins políticos com vistas à demarcação do antigo território xetá ou mesmo o reconhecimento da memória da violência sofrida pelo grupo.

“O espelho de Macunaíma: o Ensaio sobre música brasileira para além do nacionalismo”, de Maurício Hoelz, propõe um estudo analítico e a contrapelo inovador do *Ensaio sobre música brasileira* (1928), frequentemente considerado peça ideológica exemplar da rotinização do projeto nacionalista de Mário de Andrade. Ressaltando, porém, as visões instrumental de nacionalismo e aberta de identidade formuladas no *Ensaio*, o artigo sugere uma visão renovada da ideia de brasilidade do líder moderado, marcada, antes, pelo pluralismo e pelo cosmopolitismo.

As coleções fonográficas e os usos de gravações sonoras em pesquisas etnográficas são problematizados por Felipe Barros em “Arquivos e objetos sonoros etnográficos: a coleção fonográfica de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo”. Para tanto, articula revisão bibliográfica do campo da antropologia e etnomusicologia ao relato de sua própria pesquisa feita sobre o acervo fonográfico de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, formado entre 1942 e 1944.

O número traz ainda a inspiradora entrevista concedida por Anthony Seeger a Maria Laura Cavalcanti, Marco Antonio Gonçalves e Cesar Gordon, intitulada “O banjo, a abelha e as flores”. Nela, a riqueza e a diversidade da trajetória pessoal e profissional de Seeger são abordadas tendo como fio condutor a forte ligação do entrevistado com o banjo. Assim, entre outros aspectos, são enfocados seu encontro com a antropologia na Universidade de Harvard e posteriormente de Chicago; sua marcante passagem pelo Brasil com a pesquisa com os Kísêdjê e a docência no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro; além de sua gestão à frente da Coleção Folkways na Smithsonian Institution e de sua atuação internacional em prol das políticas de patrimônio cultural imaterial junto à Unesco.

Três resenhas fecham o número. Alfredo Falero discute o livro mais recente de José Maurício Domingues que acaba de ser publicado no Brasil, *Emancipação e história: o retorno da teoria social*. Lúcia Klück Stumpf dialoga com o livro-catálogo da exposição *Conflitos: fotografia e violência política no Brasil, 1889-1964*, organizado por Angela Alonso e Heloisa Espada. Antony Seeger volta como autor do livro *Por que cantam os Kísêdjê: uma antropologia musical de um povo amazônico*, resenhado por João Miguel Sautchuk.

Editores e equipe editorial de *Sociologia & Antropologia* desejam ótima leitura a todas e todos.